

SÃO PAULO POR DENTRO: As Vísceras Abertas da Educação Paulista

O maior sistema educacional do país não cabe em um número — é preciso abrir o organismo para descobrir quem estuda, quem oferece, quem financia e o que a máquina entrega. Tudo deverá responder "por que"

Série: Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

Relatório nº 2 — São Paulo

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 8 minutos

Redação — AEscolaLegal

São Paulo costuma aparecer nas estatísticas educacionais como uma cifra gigantesca: milhões de estudantes, milhares de escolas, centenas de municípios e um orçamento de dimensões nacionais.

Mas um sistema educacional não é uma soma de matrículas. **É um organismo.**

Tem território, circulação, infraestrutura, trabalhadores, dinheiro, instituições, regras, disputas, resultados e, sobretudo, estudantes. Alguns entram, permanecem e aprendem. Outros percorrem trajetórias interrompidas, mudam de rede, repetem etapas ou simplesmente desaparecem das estatísticas escolares. *Por isso, olhar São Paulo apenas pela média é insuficiente.*

Este **Relatório nº 2 do Caderno da Inteligência Educacional Brasileira** propõe outra leitura: abrir o sistema e observar suas estruturas internas.

A pergunta não é apenas **quantos estudam**.

Ela é:

Quem estuda → onde estuda → quem oferece → quanto custa → quem paga → quanto recebe → o que entrega → onde estão as desigualdades?

Essa é a coluna vertebral da investigação.

1. PRIMEIRA VÍSCERA: O Território

São Paulo tem **645 municípios**, mas não possui uma única realidade educacional.

A capital é um sistema dentro do sistema. O interior também não é homogêneo. Há regiões metropolitanas densas, municípios pequenos, territórios industriais, áreas rurais, cidades universitárias, regiões com forte crescimento populacional e outras submetidas ao envelhecimento demográfico.

Consequentemente, uma média estadual pode esconder diferenças enormes. *O relatório parte, portanto, do território.*

A unidade de análise não será somente o Estado: sempre que os dados permitirem, descenderemos ao município, à rede e à etapa de ensino. **É nesse nível que a desigualdade deixa de ser uma abstração.**

2. SEGUNDA VÍSCERA: Quem oferece a Escola?

A educação paulista é administrada por diferentes redes. Há escolas municipais, estaduais, federais e privadas. E a distribuição dessas responsabilidades muda conforme a etapa educacional, e muitas das vezes, de acordo com orientações político ideológicas.

O **Censo Escolar** permite observar essa arquitetura por dependência administrativa, enquanto a *Secretaria da Educação de São Paulo* mantém bases próprias de matrículas, fluxo escolar, profissionais, infraestrutura, orçamento e resultados educacionais.

Essa distinção é fundamental.

Não basta dizer que uma criança está matriculada em São Paulo. Precisamos saber, a princípio, **em qual rede, em qual município, em qual etapa e sob qual responsabilidade administrativa** ela está.

A própria base de dados aberta da *Seduc-SP* disponibiliza microdados de matrícula para o período de **2004 a 2025**, com informações que incluem idade, sexo, etnia, série e rendimento, entre outras variáveis. Isso permite fazer algo que um relatório convencional raramente faz:

seguir o organismo ao longo do tempo.

3. TERCEIRA VÍSCERA: Matrícula não é trajetória

Uma matrícula é uma fotografia. Uma trajetória escolar é um filme. É por isso que este relatório não ficará restrito ao número de estudantes matriculados. Precisamos acompanhar o caminho:

entrada → permanência → aprovação → reprovação → abandono → conclusão → passagem para a etapa seguinte.

A Seduc-SP disponibiliza séries históricas de fluxo escolar por diretoria de ensino e por escola. Há, inclusive, bases que remontam a 2011. Essa possibilidade muda a pergunta.

Em vez de perguntar simplesmente:

“Quantos alunos São Paulo tem?”

podemos e devemos perguntar:

“O que acontece com os alunos depois que entram no sistema?”

E essa pergunta é muito mais importante.

4. QUARTA VÍSCERA: A queda das matrículas não pode ser lida isoladamente

Os dados recentes do Censo Escolar mostram que o Brasil continua atravessando transformações importantes na composição de suas matrículas.

Em São Paulo, qualquer queda ou crescimento precisa ser decomposto antes de receber uma interpretação. Uma redução pode resultar de mudanças demográficas, conclusão de etapas, alterações no fluxo, transferência entre redes, mudanças na oferta ou, em determinadas situações, afastamento dos estudantes da escola.

Portanto, **menos matrículas não significa automaticamente menos demanda educacional.**

É justamente aqui que entra a inteligência educacional. O número precisa ser confrontado com outros números.

População escolarizável. Faixa etária. Fluxo. Conclusão. Abandono. Migração entre redes. Oferta de vagas. Território.

Sem esse cruzamento, a estatística descreve. Com ele, começa a explicar.

5. QUINTA VÍSCERA: A Capital não pode ser confundida com o Estado

A cidade de São Paulo merece tratamento próprio.

Em 2024, por exemplo, o município registrava **2.633.934 matrículas** considerando as diferentes dependências administrativas e níveis de ensino. O quadro municipal mostra ainda uma distribuição bastante diferente entre as etapas: mais de 752 mil matrículas no Fundamental I, aproximadamente 586 mil no Fundamental II e 459 mil no Ensino Médio.

Esses números não são apenas grandes. Eles revelam uma característica estrutural: **as responsabilidades educacionais se distribuem de maneira diferente conforme a etapa.**

No município, a rede municipal tem peso decisivo na Educação Infantil e nos anos iniciais; já a rede estadual concentra parcela importante dos anos finais e, sobretudo, do Ensino Médio.

Isso significa que compreender São Paulo exige compreender também **a engenharia federativa da educação.**

Quem deveria fazer o quê? Quem efetivamente faz? Quanto recebe? Quanto gasta? E onde ficam os espaços em que uma responsabilidade termina e outra começa? Vácuos administrativos existem.

6. SEXTA VÍSCERA: O Dinheiro

Chegar ao financiamento é inevitável. Não existe política educacional sem dinheiro. Mas também não basta apresentar o orçamento total da Secretaria da Educação. O relatório deverá buscar a cadeia completa:

recurso previsto → recurso disponível → recurso executado → estudante atendido → serviço oferecido → resultado produzido.

É essa cadeia que permitirá avançar da contabilidade para a inteligência.

O próprio portal paulista de dados abertos organiza informações em categorias como **Orçamento da Educação, Profissionais da Educação, Matrículas na Rede, Infraestrutura e Serviços e Resultados Educacionais.**

O desafio editorial será cruzar essas caixas. Porque **quanto São Paulo gasta** é uma pergunta.

Mas, **Quanto custa educar um estudante em diferentes etapas, territórios e redes** é outra.

E muito mais reveladora.

7. SÉTIMA VÍSCERA: A escola real

Há ainda uma dimensão que as grandes tabelas escondem. **A escola física.**

Onde está? Quantos estudantes atende? Quantos professores e funcionários trabalham ali? Qual é sua infraestrutura? Há transporte? E alimentação? Há tempo integral? Qual é a distância percorrida pelo estudante? Quanto tempo ele permanece na escola? A escola está em uma região de crescimento ou de redução populacional?

É aqui que a nossa antiga formulação volta a aparecer:

Casa → transporte → percurso → escola → permanência → aprendizagem.

Frequência não é apenas presença. Um estudante pode estar formalmente matriculado e, ainda assim, enfrentar *barreiras de transporte, alimentação, distância, trabalho, cuidado familiar ou organização escolar que interferem na permanência e na aprendizagem.*

Por isso, a infraestrutura não será tratada como apêndice. **Ela é parte da educação.**

Você já se perguntou porque o enorme interesse em privatizar escolas?

8. O QUE ESTE RELATÓRIO VAI PROCURAR

Ao final da investigação, queremos conseguir responder perguntas que normalmente aparecem separadas:

Quem são os estudantes de São Paulo? Onde estão? Quem os atende? Como as responsabilidades estão distribuídas entre Estado e municípios? Qual é o papel da União e da rede privada? Quanto dinheiro circula pelo sistema? Quanto custa cada estudante? Onde estão os melhores resultados? Onde estão as maiores dificuldades? Quais desigualdades são territoriais? Quais são sociais? Quais resultam da própria organização da oferta?

E, principalmente:

O sistema educacional paulista está conseguindo transformar recursos, escolas, professores e políticas públicas em aprendizagem e trajetória escolar bem-sucedida para todos — ou está produzindo resultados muito diferentes conforme o lugar onde o estudante nasce e estuda?

Essa é a pergunta que ficará sobre a mesa.

9. O MÉTODO: Não o confundir com o mapa do território

São Paulo tem excelentes bases estatísticas. Isso é uma vantagem enorme. Mas dados administrativos não são, por si mesmos, inteligência. O Censo Escolar é uma das principais fontes nacionais sobre estabelecimentos, turmas, estudantes e profissionais da educação básica.

A Seduc-SP possui bases complementares de matrículas, fluxo, profissionais, infraestrutura, orçamento e resultados. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo também disponibiliza dados próprios de matrícula e demanda, inclusive com recortes territoriais por distrito.

Nossa tarefa será cruzá-los com cuidado.
Não para produzir uma montanha de números.
Mas para descobrir **o que os números estão dizendo uns aos outros.**

O organismo aberto -

Este é apenas o começo. Nas próximas camadas, o Relatório nº 2 descerá do Estado para os municípios, das redes para as escolas, das matrículas para as trajetórias e dos orçamentos para o custo efetivo da educação.

A intenção é construir uma espécie de **atlas anatômico da educação paulista.**

Não um ranking.

Não uma coleção de tabelas.

Não uma fotografia institucional.

Mas, um organismo aberto sobre a mesa. Com suas artérias, seus músculos, suas reservas, seus pontos de força e suas zonas de estrangulamento.

Porque, para colocar **o estudante em primeiro lugar**, precisamos primeiro enxergar o sistema que o recebe.

E enxergá-lo inteiro.

FONTES-BASE DA INVESTIGAÇÃO

- **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira — Inep.** Censo Escolar da Educação Básica.
- **Secretaria da Educação do Estado de São Paulo — Seduc-SP.** Dados Abertos da Educação.
- **Secretaria Municipal de Educação de São Paulo — SME-SP.** Dados de matrícula, demanda e rede municipal.
- **Prefeitura do Município de São Paulo — SMUL/GEOINFO.** Matrículas em nível de ensino por dependência administrativa.

As bases serão identificadas individualmente nas tabelas, gráficos e mapas do relatório, com indicação do ano de referência e da metodologia de cálculo.

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla

<https://aescolalegal.com.br>